

PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"

Formulário de registro das informações sobre a entrevista

Instituição responsável pela custódia: Universidade Federal de Juiz de Fora

Localização: Projeto "História da UFJF" (SALA C-III-12)

Código de Referência: Entre13

Entrevista Nº.: 24

Tipo de Arquivamento: Áudio, Vídeo e impresso

Fundo/Coleção: Entrevistas Projeto "História da UFJF"

Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista

História de Vida: ()

História Oral Temática: (X)

Tradição Oral: ()

Linha de pesquisa: Memória da UFJF

Projeto de pesquisa: História da UFJF

Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral)

Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva)

Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

Dados Pessoais do Entrevistado

Nome: Antônio Henrique Campolina Martins

Data de Nascimento: Não Informado

Cidade: Juiz de Fora

Estado: MG

Nacionalidade: Brasileiro

Sexo: (x) M () F

Estado Civil: Não Informado

Demais informações/dados para contato:

Atuação profissional

Formação: Mestrado **Cargo/função:** Professor da faculdade de Filosofia

Trajétoria profissional: Após formar-se ingressou na UFJF como professor, atuando no Instituto de ciências Humanas e Faculdade de Direito

Dados do Conteúdo da Entrevista

Sumário da Entrevista:

[00:04 -- 05:12] Fala sobre a sua vida, apresentando-se, sobre as motivações pessoais que levaram a escolher a profissão.

[05:12 – 19:06] Juiz de Fora antigamente e atualmente economia, política, participação no sindicato, filiação partidária, participação em greves,

[19:06 – 39:26] Início da carreira na UFJF, organização do curso de filosofia, metodologia de ensino, métodos de avaliação .

[39:26 – 01:13:17] Introdução da informática no ambiente de trabalho, período mais importante em sua carreira na UFJF, relação da universidade com a comunidade, REUNI, papel da ciência na sociedade.

Palavras-Chave: UFJF, Filosofia, Professor, Europa, Agenda, Santo Agostinho.

Resumo:

Fala sobre a vida e trajetória de Campolina, professor da Filosofia. Aborda também sua visão sobre Juiz de Fora no passado, indo até o presente, falando sobre as transformações ocorridas na cidade.

Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 22/07/2013

Local: C-III-13 (LAPA)

Duração: 1 hora 13 minutos e 22 segundos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 1 hora 13 minutos e 22 segundos

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 01

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Carolina Saporetti

Entrevistador: Carolina Saporetti

Cinegrafista: Carolina Saporetti

Auxiliar (s) Técnico: não houve

Responsável pela transcrição: Luiz Guilherme Martins Ferreira

Data da transcrição:

Início: 28/04/2014

Conclusão: 02/06/2014

Responsável pela conferência da transcrição:

Data da conferência da transcrição:

Responsável pela edição de texto (se houver):

Especificações da edição de texto (se realizada):

Data de assinatura do termo de autorização: 22/07/2013

Data da liberação:

Qtde. de páginas transcritas: 15

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes:

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, ANTONIO H. CAMARGO, MURILLO,
nacionalidade: BR, estado civil: CASADO,
profissão: PROFESSOR, portador do documento de Identidade
Nº: 04619468-4 (CPF) domiciliado e residente na cidade de
J. Fora, endereço: ASPIRO SUDO,
nº: 1357 / bairro: CANTO, declaro ceder Universidade Federal de
Juiz de Fora, situada na cidade de Juiz de Fora/Minas Gerais, na Rua José Lourenço
Kelmer, s/n, Campus Universitário, bairro São Pedro, sem quaisquer restrições quanto
aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, de maneira total e definitiva os direitos
autorais do depoimento e da transcrição do mesmo, de caráter histórico e documental
que prestei aos alunos e pesquisadores da referida instituição, em 22 de
julho de 2013, num total de 1:14 horas gravadas. A Universidade
Federal de Juiz de Fora, no ato das suas atribuições, ficará com a custódia desta
entrevista e irá disponibilizá-la para consulta e utilização por outros pesquisadores em
meio eletrônico e em arquivo.

Demais especificações:

Finalidade do depoimento: **Projeto "História da UFJF"**

Método de gravação e arquivamento:

Juiz de Fora / _____, 22 de julho de 2013.

Antonio H. Camargo

Assinatura do entrevistado

Carolina Martins Saparetti

Assinatura do (s) responsável (s) pelo Projeto "História da UFJF"

[00:04] CAROLINA: Então, pra iniciar a pesquisa, a entrevista pro projeto história da UFJF eu queria que cê começasse falando um pouco da sua trajetória de vida o ano de nascimento, o ano aonde, da onde você veio?

[00:16] CAMPOLINA: Arrãm, arrãm, tudo bem. Então eu é..., eu nasci, eu sou mineiro né, nasci em Juiz de Fora de família mineira, família Campolina, família essencialmente mineira ligada aqui a três núcleos em Minas Gerais, eu sou do núcleo, há um núcleo Entre Rios de Minas, um núcleo que corresponde ali um pouca a Sete Lagoas, Belo Horizonte e tal é tem o núcleo é aqui na zona da mata nessa região de Ubá, Tocantins eu sou desse núcleo aqui é somos ligados a uma família enfim a uma família medieval portuguesa que depois veio pro Brasil e hoje em Minas, Minas e ligada ao cavalo campolina, foi Cassiano Antonio Campolina quem, quem, quem é pela primeira vez num é, no Brasil penso eu era o manga larga e o campolina, ele, ele começou essa, essa raça de cavalo né que hoje é mundialmente conhecida enfim na Alemanha e tal enfim é, eu é nasci aqui em Juiz de Fora, por acaso, mais sou de Juiz de Fora né e, mais sai daqui muito cedo, hoje eu tenho sessenta e um anos foi em cinqüenta e dois que eu nasci aqui, sai muito cedo fui para o Rio, e do Rio tive uma trajetória grande pela Europa, quase dez anos na Europa depois voltei para o Rio e depois voltei para Juiz de Fora, então minha vida é, é uma vida assim enfim é, grande sobre esse aspecto né é, movimentada sobre essa, grande no sentido de movimentada, porque eu tive, estive em vários, vários lugares diferentes né e meus estudos diferenciados né, e aí hoje me encontro em Juiz de Fora de novo, já há algum tempo né, desde mil novecentos e oitenta e sete aqui na universidade.

[02:21] CAROLINA: Sim, e quais forma as motivações pessoais que levaram a escolher a, a sua profissão de, de professor e pesquisador?

[02:29] CAMPOLINA: Pois é, é eu, eu sempre tive essa, essa um inclinio né para alguma coisa intelectual, sempre fui assim né, quer dizer eu estudo o vinculo com o estudo, as horas de estudo, então esse vinculo com, com o livro com a leitura, isso foi sempre a minha vida gostei, gostava, gosto até hoje e esse trabalho vertical né, o verticalismo né, no que concerne ao estudo pois veio no sentido da pesquisa num é, e então isso pra mim passou a ser natural enfim algo assim enfim né, é a musica depois eu tive também um vinculo com a musica muito grande depois se transformou né, nessa questão da filosofia e da teologia por onde eu enfim, me enverendei é e criei uma base de sustentação para que eu pudesse depois realizar assim foi natural

[03:34] CAROLINA: E qual universidade que o senhor se formou?

[03:36] CAMOPLINA: Pois é, eu, eu, eu justamente eu tenho né no Rio, num é, é logo muito cedo eu fui com dezoito anos pro Rio depois logo muito cedo, muito cedo né, é fiz meu curso de filosofia e teologia, ligados a instituições católicas né, e logo depois ganhei uma bolsa para a Europa, para a universidade do Latrão na Europa e, onde eu defendi a minha tese de mestrado e doutorado e..., fundamentalmente fiquei entre a Itália e a Bélgica onde estudei em uma outra instituição Leuvein né, então foi fundamentalmente isso né, duas grandes instituições, a universidade do Latrão, a universidade lateranense que é uma universidade do Vaticano é a grande universidade do Vaticano é a universidade de Leuven, de Leuven, que é, digamos uma universidade medieval que começa em mil novecentos e vinte e cinco né, e que é um dos centro né, digamos assim grandes do mundo, enfim, universitários né, que enfim estão aí

presentes todas duas né. Então minha vida girou em torno disso, é claro morei muito tempo na Europa e venho de uma estrutura então um pouco diferente a da estrutura universitária do Brasil.

[05:12] ANA CAROLINA: Sim, Como você enxerga Juiz de Fora na atualidade? Questão econômica, política?

[05:18] CAMPOLINA: Pois é, eu sai de Juiz de Fora, eu sai de Juiz de Fora muito cedo né, e voltei pra Juiz de Fora em oitenta e sete é, e eu vim, claro já com mudanças, digamos assim consideráveis né, quando eu sai de Juiz de Fora, Juiz de Fora ainda era uma cidade que tinha digamos assim a marca muito grande do século dezenove por incrível que pareça né, por incrível que pareça, aquelas famílias fundadoras de Juiz de Fora ainda existiam né, é existia enfim todo um, todo um contexto né do século dezenove eu diria que por um lado católico por outro lado neo positivista então nesse dois pés né, é um pouco dessa linha de formação da própria Universidade Federal de Juiz de Fora né, esse campus aqui tem essa estrutura né, tem a estrutura eu diria positivista ou neo-positivista da engenharia lá em cima né, enfim o guarda chuva né, do exatismo né, e a própria arquitetura do campus né, é... e, enfim né, eu sai de Juiz de Fora assim né, que dizer com uma identidade muito forte, vamo lá né, uma identidade que eu diria era, era, era mais ou menos isso né que ocorria aqui embora eu, depois passasse há um contexto como eu lhe disse né, de uma universidade que não é a universidade brasileira né, e que enfim, uma, quer dizer não é uma universidade, já nessa época existia eu acho que em Juiz de Fora, quer dizer já existia naturalmente o campus, já existia essa, essa, essa organização digamos assim universitária feita desse jeito, as faculdades que foram sendo aí, esse agrupamento de faculdade, por que Juiz de Fora não foi uma universidade planejada né, foi uma universidade que foi um agrupamento de faculdades que nasceu, essa falta de planejamento no início eu acho que até hoje sofre né, um pouco consequência no que concerne a pesquisa, no que concerne a extensão que concerne num é outras, mias de qualquer forma a identidade nossa era essa, então Juiz de Fora, eu conheci foi uma, uma Juiz de Fora com uma identidade muito forte, muito específica né, uma cidade mineira, uma cidade do sul, da zona da mata mineira com essas famílias fundadoras, com essas né, essa mentalidade né que vem né do século dezenove enfim né, de famílias, grandes famílias e que deram a Juiz de Fora um contexto né uma, riquíssimo, naturalmente, hoje se perdeu, então é um pouco isso que eu gostaria de mostrar, quer dizer foi a Juiz de Fora que eu conheci

[08:07] CAROLINA: Sim.

[08:08:] CAMPOLINA: Com bondes e tal, aquelas arvores, uma avenida, avenida Rio Branco toda arborizada né, enfim, foi essa, foi essa Juiz de Fora que eu conheci, uma identidade né, com diversas fazendas perto né, fazenda da floresta é famílias Penido, Burnier, enfim Vilassa né, enfim Ribeiro de Oliveira, então as famílias que, que, que fundaram Juiz de Fora, eu acho que conheci todas.

[08:33] ANA CAROLINA: Sim. E atualmente como você vê a cidade?

[08:36] CAMPOLINA: Essa identidade se perdeu né, enfim essa identidade se perdeu, enfim né, enfim é diferente né Juiz de Fora hoje é uma cidade diferente né, e não sei, num se trata naturalmente resgata mais ela é uma, uma cidade hoje sem, sem identidade sobre esse

aspecto,é mais uma né,ta,mais uma cidade de Minas né,quer dizer isso realmente,houve essa,essa modificação,não quero dizer que seja mais uma cidade porque,por que aqui nós conservamos alguma coisa ainda da nossa cultura,da nossa identidade,da nossa né,historia,trabalho,a questão do café,questão da escravidão né que,com todo esse contexto que houve pra que,uma maneira também se,dessa questão social que existe hoje aqui em Juiz de Fora,nas imediações de Juiz de Fora mais é de qualquer forma é,é uma Juiz de Fora Diferente,Juiz de Fora que eu hoje,que eu moro não é a Juiz de Fora que eu nasci,não,tem,posso dizer isso que é muito diferente,num to,sem juízo de valor,sem,enfim né,é enfim.

[09:49]CAROLINA: Uhum.E você teve,ou tem alguma participação no sindicato dos professores,colegiados?

[09:55]CAMPOLINA:É eu sempre que,é como eu te falei,eu,eu venho de uma,de uma, de uma estrutura universitária diferente da universidade,da universidade do Brasil,da universidade brasileira,entende,nossa universidade é muito jovem e eu estudei em universidades que vem da idade media,entende,onde a né digamos,a,a política né,ela de certa forma existe mais é,as questões acadêmicas tem,tem prioridade né,onde por exemplo não se elege ninguém,não há é,não há reitor eleito,não há,na há elegibilidade,quer dizer num é por ai né,então é uma questão demérito,é uma questão onde os professores são contratados por mérito e,entende,quer dizer é muito diferente,muito diferente da,quer dizer aqui também há concursos,entram também,então é,num é isso né,mais a questão por exemplo da eleição num existe,num existe né,nas universidades européias ninguém elege ninguém,diretor num é eleito,reitor não é eleito não é,a questão é muito,muito diferente sobre esse aspecto né,o predomínio que marca é justamente é,veja bem é,essas instituições são muito fortes,muito fortes e eu venho dessa,dessa,dessas instituições fortes que é,determinam realmente,porque vejam bem,é as nações nasceram das universidades,primeiro a universidade,depois as nações né eu venho por exemplo de um pais,ontem o rei da Bélgica né,foi entronizado eu o conheci pessoalmente né,enfim é,eu morava num colégio onde ele estudava num é,ele estudava interno (Trecho inaudível) norte da Bélgica e a, é o que que eu quero dizer,eu quero dizer o seguinte,as universidades,vamo lá,tamo falano de universidade é,elas é, existem desde mil e quatrocentos,desde mil e duzentos as vezes em alguns lugares entende,e a Bélgica existe o que?Ha cento e cinqüenta anos,cento e sessenta anos,entende,quer dizer,universidade de Louvain gerou digamos assim né,o próprio estado,entende,então é a questão é essa quer dizer,uma instituição dessa é uma instituição que num tem sabe enfim né,ela,ela,ela tem essa marca quase que eterna,é,e depois a cátedra por exemplo,o peso da cátedra né,na universidade medieval e que até hoje,é uma universidade européia mesmo com o protocolo de Bologna com as diferenças,cátedra existe né,professor existe né,quer dizer o professor que vai a cátedra e vai ser sucessor né,de Erasmo de Roterdã,vai ser sucessor né,então esse peso é muito grande né,esse peso institucional é muito grande,essa força institucional é muito grande né,isso que eu vejo é um pouco a diferença,que agente por exemplo aqui começa um núcleo e termina um núcleo né,começa e termina,os núcleos começam e terminam né,quer dizer já faz parte o terminar né,quando se começa,entende,a não mais pode terminar né,ta,as revistas por exemplo começam e terminam né,ta,nos não temos aquele piso de uma revista institucional,eu sei porque eu sou editor de uma revista,aquele peso de uma revista educacional que vai,vai passando né,vai passando,a revista fica o editor passa entende,é o

núcleo fica e os né, aqui num é bem assim, então essa, essa diferença pra mim é muito forte, essa, essa talvez seja a maior diferença que eu vejo entre uma instituição européia e as nossas instituições brasileiras que são efêmeras, que são fugazes, que são transitórias né, enfim essa pra mim é a, é uma diferença muito grande.

[13:55]CAROLINA: Sim. E você é filiado há algum partido?

[13:59]CAMPOLINA: Não! Enfim eu tenho, eu tenho a minha opção política eu, eu, eu sempre daqui, quer dizer tenho, tenho, não sou filiado a algum partido, não sou filiado a um partido, não sou filiado a um partido político, mais eu, eu, enfim é, votei, votei com o PT e aí voto com o PT e dentro do contexto nosso né, que eu acho né, que tem, que tem um papel político muito importante, preponderante EUA acho que, sobre essa questão também eu acho que é, o Brasil ele cresceu muito né, cresceu muito né, com relação a essa, essa vivência política e aí é outro aspecto que eu acho que tem que existir sim né, enfim pessoas engajadas, pessoas que lutem né, enfim pela, pela é pela vida no sentido da política né, no sentido da cidadania, no sentido de né, acho que tudo que se fez na, ultimamente, eu acho que o Brasil ganhou muito, muito, muito, muito, nessas políticas todas né, públicas não é, discordo de algumas mais né enfim, como essa política agora de trazer médicos, essa eu discordo né, mais é, são questões aí que eu acho que são, passam né, por situações assim de uma conjectura que amanhã mais tarde pode ser revista num sei nem se vai ser implementada mais de qualquer forma, política de cotas sou absolutamente a favor dessa política, eu acho que ela, ela veio muito ao encontro da nossa realidade e da nossa realidade histórica né, quer dizer, a falta de uma sensibilidade histórica que num existia no Brasil né, é muito seria né, e hoje agente tá caminhando num sentido de se adquirir essa coisa, essa consciência de história, da história né, essa consciência de que houve manchas, houve né, digamos assim atrasos grandes né, na nossa história como por exemplo a escravidão né, e, eu acho que a política de história com relação aos afro-descendentes, com relação é, aos deficientes mesmo, com relação às minorias né, eu acho que isso é importante né, se dê de forma legal para que se possa, não é, implementar a justiça, entende, isso eu sou absolutamente a favor de tudo isso que ocorre né, enfim, e que é uma política de enfim, de vanguarda que vem, que vem ocorrendo nesses últimos anos, eu sou absolutamente a favor.

[16:40]CAROLINA: Sim. E você chegou a participar de alguma greve, de alguma manifestação?

[16:45]CAMPOLINA: As greves sempre, que eu estou aqui sempre existiram né, sempre existiram entende, e eu acho que essa luta, isso aqui no Brasil, eu acho que ela, ela, ela é importante né, ela é importante e essa consciência, ela é importante como eu te falei, eu venho de um país né, enfim de um contexto estável que são a questão, e forte, são as universidades européias onde essa realidade praticamente né, é digamos é mais, colocado, digamos assim com um, de uma maneira diferente sabe, diferente, diferente, né, mais eu acho que para a nossa, a nossa, a nossa morfologia, né, eu acho que a nossa morfologia política também é outra, a universidade do Brasil nasceu, num contexto de uma visita também de um rei da Bélgica né, em mil novecentos e cinquenta né, o rei Albert veio ao Brasil, Albert Remi né, com a rainha Elizabeth né, é ele veio ao Brasil e não havia universidade, queriam dar um título de doutor honoris causa ao, ao rei e num tinha como fazer, nós tínhamos faculdades mais num tínhamos, foi criada então a universidade do Rio de

Janeiro que chamo, universidade do Brasil, para conferir ao rei Albert, um título de doutor Honoris causa, quer dizer, nós somos muito jovens né, com relação a essa, a essa estrutura sabe, mesmo com relação a América Latina, a outros países como Peru, como mesmo como Bolívia né, México né que tem uma estrutura mais antiga de universidade, mais antiga do que nós né, mas eu acho que mesmo assim nós caminhamos com esse mundo globalizado né, e nos temos hoje, eu tenho um núcleo, (trecho inaudível), tive um núcleo de estudos né, chamado núcleo de estudos agostinianos né, e nos temos um, hoje aqui né, tem um intercâmbio muito grande com a universidade de Orlus né, na Dinamarca né, é, onde nós, trabalhamos praticamente juntos né, alunos nossos que vão pra lá, professores que vem até aqui né, hoje, é, eu vejo que a universidade, o nível da pesquisa, cresceu demais, demais, demais, demais, a nossa universidade federal de Juiz de Fora né, nesse sentido

[19:06]CAROLINA: E em que ano você começou a trabalhar aqui na UFJF?

[19:09]CAMPOLINA: Comecei a trabalhar aqui em mil novecentos e oitenta e sete, já tem um tempo na, já tem algum tempo né, eu estou aqui, sou um, considerado um professor antigo, professor velho da universidade federal de Juiz de Fora, muitos de meus colegas já se aposentaram, mais eu estou aqui com o trabalho que eu realizo na graduação de filosofia, na, na pós graduação da ciência da religião, programa conhecido aqui, nacionalmente conhecido e internacionalmente conhecido, sempre na filosofia da religião, é eu te, sou, estou a frente de uma revista chamada Ética e filosofia política, edito a revista, num é, e tenho orientações de mestrado, doutorado né, intercâmbio, eu gosto desse intercâmbio, alunos né, que vem e vão, que vem e vão, acho muito interessante, hoje esse intercâmbio tem sido ainda mais né, é enfim, é efetivado né, através, com mais, com maior facilidade né, por, pelas bolsas, pela facul, acho esse intercâmbio com a Europa e com os Estados Unidos, com as grandes universidades, muito interessante, muito interessante mesmo né, e uma maneira de nós também virarmos aí uma interface né, para, naturalmente os europeus no meu caso né, enfim, toda a Europa né, que no fundo, no fundo, eles vêem também em nós né, algo, algo novo né, novidade é tropical né, enfim, e nossa, o nosso mundo é diferente né, e essa diferença, eu acho que é muito boa pra todo mundo.

[20:47]CAROLINA: Sim. E como eram as formalidades institucionais quando você entrou aqui na UFJF? Você se lembra?

[20:53]CAMPOLINA: É, da própria universidade, eu creio, ela mudou, mudou muito né, mudou muito, eu acho que, que houve um crescimento muito grande né, desde quando eu entrei digamos a universidade, aqui o ensino né, era, digamos assim, era priorizado a pesquisa praticamente não existia né, quando eu cheguei né, depois houve uma, quer dizer um, uma descoberta e uma para, para pesquisa e aí né, enfim né, foi se dando né, paulatinamente né, e hoje enfim né, é os pesquisadores da universidade eram, um número muito pequeno exíguo o número né, e eles trabalhavam praticamente só né, me lembro aqui tem, me lembro do professor Amauri né, que era né, malacologia, me lembro do professor Hanz Frantz né, na história que era arqueologia né, trabalhar, mais era assim, era ele e a escolinha né, a escola dele, os meninos que trabalhavam com ele né, então hoje nós vemos aí os núcleos de pesquisa né, funcionando em plena atividade, muitos núcleos né, professores, essa, essa coisa de trabalhar em time que, que é, hoje é específico né, em se tratando da pesquisa, eu mesmo

trabalho assim,eu mesmo sou líder de um núcleo de pesquisa né,que funciona de uma maneira completamente diferente né,e muito mais digamos,no caso da pesquisa né,é muito mais adequado,muito mais propicio é o que,é o que se requer num é,que sempre foi né,o que se,é o que se deveria fazer,mas nós não tínhamos essa vocação da pesquisa né,era mais a,foi sempre uma universidade boa,uma universidade referenciada,referencia no que,no que concerne ao ensino né e a graduação,e hoje a pós graduação existe na universidade,já existe entre nós e eu diria com um certo,um certo nível né,nos podemos dizer,então mudou,mudou,mudou muito né,mudou muito.

[23:03]CAROLINA: Em relação ao curso de filosofia assim?Questões como formaturas?A grade curricular?

[23:09]CAMPOLINA: É,eu nunca,eu nunca ocupei cargo administrativo sabe.

[23:13]CAROLINA: Sim,uhum.

[23:13]CAMPOLINA: Né,eu nunca,nunca fui coordenador,nunca,nunca,quer dizer sempre convivi né,isso talvez tivesse que você é,essa,essa mudança no que concerne o curso no qual eu estou,talvez um coordenador né,e o chefe de departamento o que eu nunca,eu nunca ,eu sempre fiquei assim mesmo devotado a pesquisa né,mais eu acho,eu pessoalmente acho que houve sim,houve momentos diferentes né,houve momentos diferentes,no curso,houve a tentativa de uma implementação de uma pós graduação que não foi bem sucedida,depois há tentativas de re,de uma retomada né,no curso de filosofia né,mais há núcleos bem sucedidos né,é então,eu acho que a revista né,que,que é uma revista B na CAPES entende?Então agente tem,tem,tem,tem diversificações né,esse mundo ai da,da,da,coisa que foi,e bem diversificado que eu acho com,com sucessos,cum grande sucessos,é um curso de filosofia,é um curso,a demanda para o curso é uma demanda complexa não é,uma demanda comple,complexa porque,a filosofia não é um curso profissionalizante né,num existe profissional da filosofia,é professor de filosofia né,e aquele naturalmente que quer estudar filosofia,como também a religião,a teologia etc,ele que que ser um pesquisador,a formação dele e longa né,tem que passar por um estagio grande,quer dizer,o caminho e o mestrado e o doutorado,e depois então é,pra,então e alguém que seja,foi minha vida né,e aquele que gosta de estudar né que quer estudar né,gostar e querer,eu acho que são extremamente importantes né,não basta gostar se não quiser né,tem que querer também ta,então e aquele que gosta e que quer né,quer dizer que coloca sob domínio da vontade aquela,aquele objetivo ta,isso é um período grande,grande,grande né,é um mestrado ,é um doutorado,quer dizer é uma formação para isso,eu diria de dez anos,o aluno que terminou comi,o ultimo aluno que terminou comigo o doutorado ,que é o vice líder do núcleo de pesquisa meu,é que esta aqui e na universidade de Orlus,e também desenvolvendo um projeto hoje na universidade de Orlus na Dinamarca,ele,esta comigo a dez anos,estudando comigo a dez anos,estamos juntos dez anos,então é essa,e esse o perfil da formação entende,não sei como é na historia,um pouco parecido né?

[26:02]CAROLINA: É

[26:02]Então são dez anos de estudo e é assim que,que,digamos assim né,falo com relação a pesquisa né,com relação a pesquisa,claro que o curso de quatro anos e que tal,ele fica

habilitado pra né, ser um professor de filosofia no estado, faz um concurso ta, tudo bem né, mais a pesquisa, a pesquisa, esse mundo da pesquisa né, ele pré supõe uma formação maior

[26:28]CAROLINA:SIM.

[26:28]CAMPOLINA:E nem todo mundo ta disposto, tem essa vocação também.

[26:32]CAROLINA: Com certeza. E como era a metodologia utilizada por você pra ministrar suas aulas, quando começou a trabalhar aqui na UFJF?

[26:38]CAMPOLINA: Olha, é, veja bem, é, para filosofia, para a teologia, para a religião, para, onde, quer dizer, fundamentalmente, eu sou professor de filosofia medieval, a minha tese, é uma tese no secu, num texto do século sexto, um texto institucional do século sexto e o meu, esse núcleo de pesquisa é Agostinho, santo Agostinho né, então veja bem, primordial pra gente, primordial, primordial mesmo, quer dizer leitura, biblioteca, fontes né, isso é numero um sabe, numero um, pra filosofia é leitura né, a questão leitura e esse mundo da informática, essa velocidade com a qual as, o estudo e importantíssimo eu to nele também a revista né, uma revista eletrônica e as vezes consegue um dinheiro, se faz uma edição impressa, então tudo bem, com relação a esse, a esse mundo da, é..., contemporâneo né, moderno, contemporâneo nosso e, essa, essa, essa, essa, essa possibilidade né, de, de, dessa velocidade com a qual as coisas se encontram né, eu acho muito importante, muito interessante, mais ao mesmo tempo ele pode ser superficial sabe, se não houver digamos, essa procura, essa pesquisa né, no sentido de algo absolutamente orientado né, e que tem uma tradição, e que tem, onde estão digamos assim nessa tradição né, as fontes digamos, eu diria, clássicas né, para aquilo que nós vamos empreender, entende, então esse mundo da leitura com as fontes, com os textos né, os melhores comentário entende esse é um, é um mundo nosso né, e é um mundo no qual circunscreve, toda a minha, toda a minha pesquisa, sabe, então eu, uma das dificuldades que eu acho aqui na universidade, é a dificuldade das fontes, e a dificuldade das bibliotecas sabe, eu acho que isso teria que ser priorizado sobre todos os aspectos e na área humana não sei se é suficientemente priorizado né, não só na construção de prédio, bibliotecas, né na construção, aquisição de acervos né, eu trabalho por exemplo, na minha área as pessoas trabalham com uma agenda de trinta anos né, trinta anos, uma edição critica por exemplo né, de um autor né, ela tem trinta anos de agenda pra ser confeccionada e você pergunta, como, como isso é pago né? Com que né? como é que consegue né? Claro, que a agenda e de trinta anos, quer dizer a obra que é publicada hoje que é vendida em todas, todos, no mundo inteiro, todas as grandes bibliotecas, em todas as grandes universidades né, essa obra, uma grande editora por exemplo Source Retiene por exemplo, eu falo Corpus Christianorum por exemplo né, falo para do Corpus Scriptorum de Viena por exemplo né, to falando de, de, de, de obras né, assim, monumentais né, e que pagam justamente o erudito, com sua equipe para naturalmente preparar a edição hoje, que será impressa daqui a trinta anos, esse mundo europeu né, esse mundo né, de uma agenda de trinta anos, vamo lá, mais quinze anos ta, é comum uma agenda de quinze anos né, é e que é um pouco diferente das nossas agendas que num tem muito tempo né elas são de, as vezes de três meses né, por isso esse intercambio não é um intercambio igual não é, mais eu acho que hoje a universidade, ela cresce no sentido né de ir a ao encontro de, desse tipo de proposta, e eu acho que já há um crescimento, na minha área, tô falano na minha área NE, por que na área exata e

diferente, na área, enfim, da saúde é diferente, na área da biologia é diferente, to falando da minha área que é a área, enfim dos estudos né, áreas dos estudos eruditos né, enfim, onde os problemas textuais por exemplo são fundamentais né, e que são um, aparecem, que vem aparecendo, que são sempre as novidades né, são resolvidas em grandes congressos né, as edições críticas são lançadas né, e e ao serem, enfim colocadas dentro de uma agenda né, os peritos são convocados pelas grandes editoras, pelas grandes universidades, pelos grandes núcleos de ensino que, potentes também, economicamente né, para produzir isso né, eu acho que na área tecnológica também há algo parecido NE Europa né, eu sei que o polo por exemplo, tecnológico é da universidade de Utaert na, na Holanda pesquisa pra Phi, pra Philips né, então eu acho que isso ai, isso, isso hoje existe assim entende?

[31:39]CAROLINA: Sim. E quais são os métodos de avaliação utilizados por você?

[32:03]CAMPOLINA: Olha, e veja, a questão da avaliação né, é, veja, uma coisa é a graduação outra coisa é a pós graduação entende? Eu acho que a pós graduação ela, ela, ela já esta pronta num é, quer dizer ela, quer dizer a avaliação da pós graduação e o trabalho, é o resultado é o produto que se faz né, é num bom curso digamos de mestrado e de doutorado, que no fundo, no fundo, no fundo né, é aquele produto, é aquela dissertação de mestrado é aquela tese de doutorado que é produzida com uma qualidade primorosa que tem que ser né, é num tempo determinado, então essa equação tempo né, e produção, isso ai é estabelecido, os critérios são todos, e eu vou dizer, vou ser franco com você, eu acho que os critérios são muito bem feitos sabe, eu num tenho dificuldade nenhuma absolutamente nenhuma, nenhuma, pelo contrario, eu acho que há como se fazer e o aluno que tem esse perfil, que é um perfil também, nem todo mundo né, perfil, que se o aluno tem esse perfil ele tem como desenvolver né, bem orientado, bem um, uma hipótese bem trabalhada, bem delimitada e bme verificada né, chegar a conclusões, eu tenho uma experiência grande nesse sentido, interessantes e com vistas já a publicação, as minhas duas ultimas dissertações né, uma foi sobre analogia psicológica em, na, no The trinitate, a obra a trindade de Agostinho, que já esta sendo avaliada pela Paulus para ser, para ser publicada e a outra, é, uma dissertação que eu orientei sobre a empatia na obra de Edith Stein, e que esta sendo também avaliada, quer dizer, a in philum, a empatia é um conceito fundamental nessa, nessa, nessa pensadora, filosofa, referentim né de Edmund Husserl né, faz uma leitura fenomenologica de Tomaz de Aquino né, filosofo medieval, mais ela trabalha a questão da empatia, é essa, essa, esse aluno do Rio que trabalhou essa, é, tese dele também tá sendo avaliada hoje pela editora santuário, isso quer dizer o seguinte, que essas teses bem, bme avaliadas aqui por um grupo de professores né, no caso de doutorado cinco professores, no caso do mestrado três professores num é, e, no caso do doutorado essa ultima, professores internacionalmente conhecidos né, quer dizer, é uma avaliação segura, é uma avaliação competente, uma avaliação capaz faz quase deste projeto, desse projeto, um projeto que tem um impacto, que tenha um impacto eu diria, psicossociológico também né, através da publicação, da venda, da né, certo né, eu diria o seguinte, com relação a pós graduação, eu diria o principal é um projeto bem feito, um projeto bem feito, um projeto sustentado, projeto bem construído é a certeza, a certeza de um produto consentâneo, consentâneo, adequado, entendeu? E com sucesso. Então eu dirá que essa é um pouco a ideia da, da CAPES com relação a avaliação que eu concordo plenamente. Na graduação é diferente porque os objetivos também, no caso da filosofia, daqueles que querem o curso de filosofia, no caso meu, onde eu atuo né, atuo em outros cursos, atuo no curso de

direito também,são diferentes,veja uma diferença muito grande dos alunos da filosofia para os alunos de direito né,os alunos da filosofia,que vem, para o curso de filosofia eles tem assim um,uma ,uma diversidade maior de objetivos,é difícil um objetivo só,quer dizer o objetivo da pesquisa o objetivo de se tornar um intelectual,o objetivo de né,existe mais existem outros objetivos também né, enfim ,é um curso digamos assim com relação aos objetivos e as metas eu diria um curso mais heterogêneo do que no direito que é mais,mais,enfim ali são dois,dois dois núcleos né,quer dizer o núcleo da operação do direito onde querem fazer concursos né,e o núcleo acadêmico onde eu trabalho né,aqueles que querem se tornar profissionais acadêmicos né,teo,teóricos,teóricistas teo ,teoristas toris,teoricistas do direito né,não sei se essa palavra existe mais me,esse neologismo né,é próprio né,da academia.Então eu diria é a questão da avaliação eu,eu,eu tenho na graduação eu gosto da avaliação qualitativa né,o curso eu acho que é um curso participativo,um curso dialógico eu falo sempre com muita leitura,não é,onde os alunos interagem né,é com uma proposta né,do professor né,eu,eu acho que a questão da escrita e fundamental em se tratando da filosofia quer dizer,escrever,incentivar a escrita,não há,é fundamental ,isso eu faço através,sempre de relatórios e resenhas né,prefiro muito mais do que a,a prova propriamente dita sabe,eu acho que é,fazer e refazer essa,essa,essa estrutura por exemplo de um texto né,que venha a ser digamos,concretizado,efetivado né,quase com vistas a uma publicação né e de uma maneira perfeita,ao meu ver ele ganha muito mais do que aquela,aquela reprodução né de patoris sabe,então na avaliação eu num vejo e não gosto de vê-la como reprodução de informação,mais como maturidade né através né,de textos escritos no meu caso,formulados e o domínio de método sabe,o domínio do método propicio,do método adequado para se fazer isso,é assim que eu vejo.

[39:26]CAROLINA: Sim.E com a introdução da informática quais foram as principais alterações na rotina das suas aulas?

[39:32]CAMPOLINA:Pois é,é isso como eu disse,num é,eu acho que a informática ela é algo acessório ta,no caso,no caso da filosofia,ta,no caso da filo,é um acessório são a,digamos um ad juntorium,um advogado bom,um auxilio bom ta,funciona,não é,mais eu sou pela posição clássica é claro,em se tratando da filosofia né,eu por exemplo não gosto de ler internet,não,não gosto sabe,e é,não,não,eu acho que a leitura por exemplo da filosofia né,é uma leitura pesada né,a filosofia é um texto pesado,é um texto,é uma leitura clássica nesse sentido né,é a musica clássica,é a musica erudita,é uma leitura erudita né,e eu tenho ainda o papel como sendo fundamental pra mim sabe,eu acho o papel é fundamental,fundamental,fundamental né,como os documentos em se tratando da historia,como né,eu acho que na filosofia né o livro é fundamental,eu acho que a ida a biblioteca em se tratando da filosofia é o que existe de,digamos assim de mais,é o nosso anatômico né,é por ali,é ali que começa tudo sabe,to falando com relação a saúde,com relação a medicina né,então é ali que cumeça tudo sabe,então essa postura,essa cultura da ida a biblioteca né,essa permanência na biblioteca,no caso nos temos né,temos a biblioteca,a universidade tem a biblioteca dos redentoristas lá na Gloria que é fundamental pra gente né,então as,pelo menos essas duas bibliotecas são fundamentais,tem as bibliotecas fora de Juiz de Fora,lá no Rio tem boas bibliotecas,a biblioteca do mosteiro de São Bento na minha,na minha mira,biblioteca da PUC do Rio é,biblioteca,enfim,biblioteca nacional,então nos temos bibliotecas boas muito perto de nós,então a ida a biblioteca,a cultura da biblioteca eu acho que ela é tão importante,tão importante quanto a informática que me ajuda,me ajuda

sabe, me ajuda no sentido da prepa, de uma preparação didática, de uma demonstração, de uma, tudo bem entende, mais é não substitui absolutamente, absolutamente né, aquele contato com as fontes, eu por exemplo não, não, não, não gosto do Xerox, pra mim o Xerox é a última, última, tem que fazer porque num tem outro jeito né, mais o Xerox ele é enfim, é o, é a última, a última coisa que se, que se tem que levar em consideração quando se trata é, de um contexto acadêmico sabe, por que ela, o texto aquele texto extraído do contexto sabe, aquele textinho que se da, que cê, não gosto disso né, gosto de indicar a obra, indicar os melhores comentários, indicar né, então essa indicação pra mim, e essa orientação é fundamental porque veja bem, uma das coisas mais difíceis, mais difíceis né, na elaboração de um projeto é fazer uma bibliografia né, muito difícil né, por que? Porque a bibliografia tem que ser enorme, entende e, tem que ser orientada, entende, não se pode fazer uma bibliografia sem idéia né, de um projeto serio, sem uma orientação, sem que alguém que estiver ali a frente, conheça profundamente o que deve estar ali e o que não pode não deixar de estar ali né, dividir né, dividir toda bibliografia dividida, não se pode pensar numa bibliografia sem uma divisão né, do que é primário, do que é secundário, do que é melhor, do que é, então fazer uma bibliografia é algo fundamental pra nossa, aprender a fazer uma bibliografia dentro de um projeto que é, é o fundamental na minha, na minha pesquisa, quer dizer no meu contexto de pesquisa, e por isso como eu disse, a informática ela vem, ela vem auxiliar, uma maquina, é um instrumento né, que auxilia, auxilia, auxilia os contatos, auxilia informação, auxilia a velocidade com a qual se faz eu gosto de dizer, na minha época, na época em que eu escrevi minha tese na década de oitenta, num tem muito não né, publiquei minha tese na Europa nos anos noventa, não é, eu trabalhava com uma maquina Olympia que era a melhor que existia na época, uma maquina alemã eletrônica, era o que de melhor existia não é, é, um xerox claro por que era a maneira de corrigir, com cola, tesoura, era assim que se corrigia né, os textos eram corrigidos assim não é, com índices né, né eu trabalhei com palavras né, então esses índices latinos, índices né, é eram, eram, eram léxicos né, e que ajudavam muito né, nos ajudavam muito né, então isso tudo naturalmente já resolvido, eu quando fui publicar a min, meu, minha tese na Europa eu precisei alugar um malote na Itália, pra levar as provas e trazer as provas né, nisso um procurador lá para pegar na Itália as provas e levar a editora, quer dizer, isso tudo, esse mundo acabou, esse mundo não existe mais né, ta, era com cartas num é, carta hoje e um gênero literário né, num existe né, quem escreve carta mais né, então houve uma mudança ne, nesse sentido maravilhosa, com a velocidade, por que a velocidade da comunicação foi a, a meu ver o grande, grande, grande revolução ai com essa, é esse mundo da informática, da internet, eu também sou fã dele, sobre esse aspecto sabe, por que a, ajuda-nos muito, muito, muito, muito, mais no meu caso né essa, essa, esse vinculo com o texto, esse vinculo ao livro, esse vinculo a fonte né, e as, isso ai tem a, tem né, é sempre a melhor, as melhores, é o texto, é o melhor comentário, são as melhores são as melhores n, isso é muito, muito importante a condição cinequanon para se fazer um pesquisador na minha área.

[46:04]CAROLINA:Sim

[46:05] CAMPOLINA:Então ficou claro né?

[46:06]CAROLINA:Ficou, ficou bem claro.

[46:06]CAMPOLINA:Quer dizer como um auxílio,maravilhoso tá,e eu vejo mesmo,a tese que eu fiz hoje num seria mais né,feita assim dessa forma,mudou muito,isso de noventa pra cá,porque eu publiquei minha tese em noventa,quer dizer em noventa eu tin,tive que alugar um malote na Itália tá,para levar os meus,as minhas,minhas provas e trazer ia buscar no Rio,um procurador lá buscando pra levar a editora é,é as dificuldades eram muito piores.

[46:33]CAROLINA:É as dificuldades eram maiores.

[46:34]CAMPOLINA:Eram muito maiores

[46:36]CAROLINA:E qual o período pelo qual passou pela UFJF é,você acha que foi o mais importante na sua carreira?

[46:44]CAMPOLINA: Não eu,eu acho que dos períodos todos aqui forma importantes,eu não tenho assim um período né,eu acho que houve uma evolução houve um crechento sabe,eu acho que um foi preparação pro outro né,eu não sei,eu estou hoje numa fase,no final da,um pouquinho mais pela frente de me aposentar,quer dizer eu tenho aqui uma construção,construi aqui assim né,alguma coisa né,com a revista,com esse mundo ai da,da,da revista Ética e Filosofia política que já existe há alguns anos,esse movimento intelectual em torno da revista,é as,as teses que eu orientei,as bancas que eu participei né,é tanto na ciência da religião quanto em letras,na faculdade de direito,eu tive uma,enfim uma atuação grande também no sentido de uma implementação de uma perspectiva nova no direito que,vem sim querendo entendeu,um direito dialógico,um direito,um direito é,com interfaces né,um direito que,enfim que venha ao encontro de uma fundamentação que é sempre filosófica e que é sempre histórica,que é sempre,num é,então essa,essa perspectiva então,eu,foram pontos assim a meu ver,acadêmicos né,que eu exerci durante esse tempo né,alunos né,alunos que,que,que vieram trabalhar comigo,um numero grande de alunos né,que hoje estão academicamente exercendo funções importantes ou aqui ou na Europa né,vários já na Europa,que se mudaram pra lá e foram né,através de contatos meus,através de uma vida acadêmica que foi a opção deles né,assim por exemplo tem um aluno no instituto europeu,que eu me lembro né,mais tem em outras,em outras é,algumas bolsas que é,que os alunos conseguiram através da participação comigo em trabalhos né,consegui uma vez a bolsa Erasmus,que é uma bolsa né,enfim,para pós graduação importante né,as bolsas sanduíche,que eu consegui tanto para a universidade de Orlus,para Estrasburgo também,outras faculdades,assim universidades e faculdades importantes,então essas lembranças assim de,pontuais né,foram,digamos assim presentes que eu tenho agora,foram presentes durante a minha trajetória de trabalho aqui né,e que foram importantes para a consecução né,tanto de um trabalho meu quanto um trabalho com alunos num é,então isso,isso,digamos pra mim foi muito importante né,ter deixado um pouco esse legado né,que já tá enfim,no final né,quer dizer mais um pouco,daqui pra frente tem alguns anos e me aposento,entende,ainda tenho alguns anos né,mais quero ainda com esse núcleo de estudos agostinianos né,é tentar,produzir alguma coisa sabe assim interessante no nível de estudos tá,nesse momento não só no nível de artigos mais no nível de estudos,que dizer,a nossa pretensão é um anuário de estudos,criar esse anuário de estudos que,possa ter a participação tanto de professores e alunos europeus,quanto brasileiros em,sobretudo da universidade de Orlus onde tem o vice líder do grupo,que esta num projeto lá,trazendo esse projeto pra cá e nos levando pra lá,então eu acho

que esse intercambio né com outras universidades,com outros núcleos,com outras,pra mim é muito importante,ainda quero trabalhar um pouco nisso sabe,até me aposentar,tomara que esse núcleo depois continue,ateria é que a revista continuar para isso,entre nos é uma incerteza muito grande,incerteza muito grande,quer dizer a continuidade aqui no Brasil é um problema em todos,em todas as é um problema em todos,em todas as esferas,isso é,essa talvez seja a dificuldade que eu mais encontre aqui sabe,mais encontre,porque eu venho como eu falei de instituições muito fortes onde tudo existe né,de uma maneira talvez estratificada,um pouco estratificada,mais por onde as pessoas passam e a realidade continua,aqui não funciona muito assim,infelizmente

[51:23]CAROLINA:Entendi,é infelizmente.E como você percebe a relação entre a universidade e a comunidade do São Pedro aqui,ao redor?

[51:35]CAMPOLINA:è,eu,eu não sei,eu tenho,quer dizer a minha,a minha ligação é com alunos que moram aqui né,entende,eu tenho muitos alunos que moram aqui em São Pedro,na comunidade né,quer dizer no bairro São Pedro,na comunidade,alunos que trabalham comigo que vem de fora em geral,por que não são né,tenho enfim,não é,esse espaço não é,não é um espaço que eu conheça assim em nível de extensão,mesmo porque eu não faço extensão sabe,quer dizer,fiz,trabalhei,trabalhei,trabalhei em alguns projetos de extensão mais por incrível que pareça fora do Brasil sabe,quer dizer,eu já a universidade trabalhei num projeto de extensão que é entre,entre,entre por incrível que pareça entre a França e a Argélia né ,que a né,porque sempre aquela,aquela base minha né,que é levar Agustinho né,esse autor entende,para novamente,retornar,o retorno de Agustinho em Argélia onde ele nasceu e onde,por causa do islã ele não pode ser pronunciado,enfim,hoje esta um pouco melhor,mais ai nos tivemos,foi um grande projeto de extensão que eu trabalhei,trabalhei aqui por causa da ética também uma lida de extensão na,na área de saúde,na ilha da,na área da,da AIDS e da,e da,da ética na consecução não é,dessa é,de projetos nessa linha,essa linha,com o antigo professor aqui da faculdade de medicina que era o professor Kalil né,doutor Kalil,trabalhei mais ele morreu,ai depois eu,me retrai,sai da extensão,então minha experiência com extensão é muito pequena,pequena mesmo,quer dizer,eu conheço alunos né,trabalho com alunos que vem de São Pedro,acho que São Pedro tem uma importância grande na universidade,aqui para a universidade,por conta do,é,uma grande parte dos alunos da universidade moram lá né,sobretudo alunos que vem de fora né,eu tenho muitos alunos de fora trabalhando comigo,muitos alunos né,do Brasil inteiro ne,nesse núcleo mesmo tenho aluno,que mora no Espírito Santo,tenho membro que mora no Espírito Santo,um outro que ta no sul de Minas,uma aluna de Santa Catarina,trabalha na,na questão da arte,no lóbulo da,da home page né,essa menina de Santa Catarina,é,hoje ta muito assim né,e quase todos que quando estão aqui,estão em São Pedro sabe,então esse,essa lida com São Pedro comigo é assim,é mais através de meus alunos,quer dizer,o que a universidade exerce lá,eu acho que é um lugar muito importante para a universidade,por causa disso

[54:29]CAROLINA:Sim.E como você vê a relação da UFJF com a cidade de Juiz de Fora

[54:35]CAMPOLINA: Não sei,mais é,é a questão do projeto de extensão né,extensão,como eu te falei,eu acho que existe né,existem projetos né,na minha área os projetos como eu falei de extensão são muito poucos,eu não trabalho com extensão,eu sou mais pesquisa sabe,mais eu

vejo que,que existe né,que existem projetos de extensão na universidade,ai seria mais quem trabalha com extensão,eu tenho uma filha que faz medicina,que terminou medicina agora,tenho um filho que faz engenharia,terminou a engenharia mecânica,ta no meio da engenharia mecânica,e vejo através deles que os projetos de extensão tem uma repercussão muito grande né,que dizer,Juiz de Fora hoje já trabalha,meu filho fazendo trabalho lá com mecânica indo pra aeronáutica e tem,participa de um,de um, de um, de um,um modelo né,um aero modelo,aero design né,que ele a todo ano já tem participado,tiraram ano passado um oitavo lugar no ITA,quer dizer,existe essa preocupação né,essa preocupação com extensão,com inovação com,trazer não só aqui mais em nível,de Juiz de Fora,mais em nível nacional né,como por exemplo o ICE faz no caso lá,quando converso com meus filhos na área medica a mesma coisa,converso com minha filha,então eu vejo que esse projeto,esses projetos né,de extensão são muito importantes pra universidade,embora na minha área não,não,eu trabalho com pesquisa então,enfim,muito pelo contrario,quando o projeto é de extensão na minha área eu,não tenho como orientar por que não é o meu âmbito entende,por exemplo,um exemplo concreto,já trabalhei por exemplo com pesquisa em direitos humanos na faculdade de direito né,mais quando se trata de aplicar a pesquisa por exemplo em projetos de extensão e ai tem mil possibilidades né,eu peço que o aluno procure um outro professor que tenha a possibilidade concreta de fazer,mesmo por que tem que ir né,essa possibilidade de ir eu num,eu num tenho essa,quer dizer num é,num é o meu âmbito né,então mais,aquela base pra ele aplicar depois,no projeto RONDON,no sul da Bahia com índios é bom,ai já é né,já é uma outra orientação que ele tem que ter com outro professor entende,mais eu acho que a base né,a base e a pesquisa básica,que é a minha pesquisa entendeu,ela tem,ela tem o seu valor para a extensão tambem.

[57:06]CAROLINA:Uhum,com certeza.E como você avalia o REUNI?

[57:10]CAMPOLINA: É,veja,é,é uma proposta né,é um proposta entende,e eu acho que houve ganhos,ninguém pode não é,como toda coisa,toda implementação nova num é,tem senões né,tem dificuldades não é,é...,para minha ,a minha,a minha pesquisa é o seguinte,eu tenho,eu tenho alunos que vem,que vem, do REUNI né,e que vem desta perspectiva né,quer dizer a perspectiva é a nova né,são excelentes né,quer dizer eu trabalho sempre com núcleo pequeno sabe,por que nem todo,por que a pesquisa,essa é a grande dificuldade né,quer dizer a universidade ela tende é,extensão ela tende né,o ensino,a pesquisa é um numero digamos assim,eu diria,dizer elite é complicado,mais aqueles que querem né,que querem e que são chamados pra isso,é quase uma vocação para isso né,como eu trabalho com a pesquisa,o que eu posso dizer e que existem alunos que vem,que já vem desses projetos né,e que são muito bons,muito bons,mesmo por exemplo nessa área de direitos humanos,eu trabalhei né com bolsa PBIC,BIC né,para alunos do REUNI,bolsas,tive,ganhei uma,pelo menos umas duas bolsas sim,trabalhei com alunos excepcionais,excepcionais,que vem de escola publica,que vem,e alunos fantásticos,fantásticos né,então não tem como avaliar o REUNI assim,quer dizer,eu tenho,eu,o que eu posso dizer e que,há alunos,existem alunos que tem essa,uma minoria né,é uma minoria sim,mais a questão da pesquisa é (trecho inaudível),é de minorias pra minorias né,dentro da nossa universidade,eu acho que há outras universidades no Brasil que tem essa vocação da pesquisa de uma maneira mais,mais,eu diria maior né,para a maiorias né,Viçosa por exemplo,assim não é,Campinas por exemplo,é assim ,UNICAMP,Brasília por exemplo é assim,foram é UFMG né,enfim,então onde,onde a meu ver é,mais,mais há pressupostos

também por exemplo o pressuposto do planejamento, falo, falei de universidades que foram todas planejadas num é, quer dizer tendo já, desde o início a bozum né, a pesquisa como sendo é, digamos assim, um, é, uma meta né, uma meta concreta a ser cumprida né, a Universidade Federal de Juiz de Fora não nasceu assim, então, você me pergunta sobre o REUNI, eu num tenho uma avaliação vamos dizer, o projeto REUNI como, o que eu posso dizer e que aconteceu, houve benemerências por causa desse projeto, quer dizer as benemerências que vieram pra, onde nós estamos aqui é uma, é um prédio novo, é um prédio bem, eu acho que isso, isso tudo foi muito bom né, quer dizer, houve dinheiro para se construir né, para enfim, efetivar outras coisas, por causa do projeto, então esse projeto ele trouxe benemerências pra universidade, trouxe uma, maior quantidade de alunos né, e no caso da pesquisa, eu acho que não houve assim uma interferência grande sabe, um aprimoramento da pesquisa, não, não foi assim, o projeto com tal não foi pra isso, mais de qualquer forma há alunos, no caso da pesquisa na minha área que vem do REUNI, isso é um ponto bom, a meu ver, então avalio assim, não tenho avaliação do projeto por que na me cabe também avaliar o projeto, mesmo porque eu num tenho também o conhecimento básico né, quer dizer, o que quê esse bacharelado institucional aqui é enfim, não sei, não participo dele, não, num estou lá entende. então isso teria que ser avaliado por quem está presente lá, coordenador, coordenação, gente que tá trabalhano, representante do meu departamento no projeto, então é outra história, num é filha.

[01:01:29]CAROLINA: Sim, uhum. E em relação aos órgãos de pesquisa, qual a sua relação?

[01:01:34]CAMPOLINA: Sim, é, eu estou, estou aqui na PROPESQ né, enfim, sou cadastrado lá, meu grupo é certificado, houve uma certificação né, pela PROPESQ não é, e os órgão de fomento né, e claro que, que já recibi, é nos fizemos uma, uma edição da revista com, em convenio com a universidade de Montpellier na França, quer dizer a universidade de Montpellier foi quem praticamente, um dos números né, uma edição de dois mil e dez, dois mil e onze né, nos fizemos toda, toda em convenio com a universidade de Montpellier, então eu acho que esses convênios, esse recursos que são, que estão fora e dentro né, que vem de fora pra dentro né, os convênios todos, eu acho que são uma coisa nova e que tem ocorrido entre nós que eu acho que é muito bom, muito bom, muito bom sabe, isso favorece, hoje nós temos é, uma facilidade maior de recursos né, claro que nem sempre vem como nós gostaríamos né, mais eu acho que a PROPESQ hoje gerência essa, essa, essa realidade de uma maneira maior né, e é, desde que existe claro, mais vem num crechento né, e cada dia eu recebo um e-mail novo, dois, três e-mails né, que mesmo, e que vem, que vem demonstrar justamente que, que há um fluxo, há um fluxo de recursos né, não só aqueles clássicos, BIC, PBIC, FAPEMIG então aqueles clássicos né, as coisas que, que tem acontecido ai e que em, existindo a oportunidade agente vai, e vai ao encontro e as vezes consegue né, então essa, essa coisa dos contatos né, institucionais, eu acho que uma das, uma das é, no nível da pesquisa né, e uma coisa, das coisas boas né, que a PROPESQ faz e nos, botar ai né, a pesquisa na rede, nessa rede né, eu acho que é muito legal, eu acho que tem que tem funcionado aqui entre nós.

[01:03:42]CAROLINA: Sim. Já entrando na etapa final da entrevista, pra você qual é o papel da ciência na sociedade?

[01:03:51]CAMPOLINA:Olha,ela eu diria é muito importante,é fundamental sabe,eu acho né,mais e veja,eu venho da filosofia num é,então,veja bem,filosofia ela,existe para universalizar,e ela é aberta num é,mais aberta do que aquela concepção de ciência que num é,só existe de dentro pra dentro né,então eu acho que,a ciência,ela é o inicio,e é fundamental né,de um dialogo que pode caminhar no sentido de uma abertura maior né,quer dizer é uma ciência que é ciência a meu ver,mais que tem que dialogar com o que não é ciência também entende,se abrir né,a tudo e pra tudo sabe,essa abertura e fundamental sabe,é fundamental,quer dizer a ciência ela é ciência ok,não é,de dentro pra dentro né,mais uma ciência que só tem nela a referencia,que só tem em si mesma só é referencial pra si mesma,quer dizer uma ciência altista num é,não é a ciência que nós queremos pro mundo de hoje,penso eu né,então esse mundo que é global,esse mundo que existe em rede,esse mundo que é interdisciplinar,esse mundo que é transdisciplinar, esse mundo que é multiprofissional né,então,eu acho que tem que ter na ciência sim,na ciência assim,a sua,a sua, a sua base né,uma base,um fundamento né,mais que tem que ser né,produzir essa ciência num é,produzir,produzir uma, uma lógica né, uma dialógica né,é,dialógica,é produzir um dialogismo né,com o que não é ciência também,e que tem um sentido,que é referenciado também né,quer dizer a ciência ela é,ela teoriza,ela teoriza pra si não é,mais ela produz né,ela produz uma quadro,um quadro teórico em toda,em toda, em toda esfera r na qual ela se envolve,é um conhecimento certo,é um conhecimento universal,é um conhecimento por causas num é,mais eu acho que ela tem que dialogar né,com a literatura,ela tem que dialogar com a ética,ela tem que dialogar com a esстетica e com a arte né,ela tem que dialogar então essa ciência aberta né,é um modo como eu vejo entendeu,uma ciência que conversa e que fala e dialoga,e que não seja uma estrutura né,que queira ser né,a ultima palavra né,de ultimasd palavras num é,nos estamos cansados e toda vez que a historia né,nos mostra né,que houve uma ultima palavra,houve também,também,também né,um excesso no sentido de não conhecer o limite da ultima palavra,e ai nos tivemos né,desastres,catástrofes.

[01:06:59]CAROLINA:Sim,e em relação ao dever do professor,como você vê o dever do professor na sociedade?

[01:07:07]CAMPOLINA:Sim ele,é,eu acho que ele tem,ele tem um papel impo,preponderante né,quer dizer o professor né,entende,ele,quer dizer,uma das profissões mais antigas num é,na sociedade,na sociedade de todos os tempos né,que dizer o mestre né,o magister medieval né,enfim e o propedeuta grago pai da gogos né,o pedagogo grego né,na,na,enfim na historia da Grécia né,onde ele começa,a nossa civilização começa lá né,o mestre né,dentro,dentro duma hierar,aquele que ensina né,enfim né,o rabino na,na tradição judaica né,o rebbe na tradição judaica medieval,então eu acho que é o ensino como tal né,a lógica do ensino,a dialética do ensino né e da aprendizagem,como sendo dialógicos né,eu acho isso fundamental e mais do que nunca hoje,então um,eu acho que é,é uma profissão que aqui no Brasil não,não foi valorizada e não é valorizada suficientemente né,ate hoje né,em alguns lugares,em alguns lugares do mundo é a profissão mais valorizada num é,politicamente valorizada,falo por exemplo,quer dizer,um professor por exemplo na Alemanha né,é o que alguém possa almejar digamos assim em nível de carreira como sendo o melhor e,e,e acima do qual nada,absolutamente nada pode existir entende,então essa,falo aqui em dois lugares né,conosco aqui né,a questão não é valorizada e falo na Alemanha por exemplo onde é o mais valorizado,é o titulo mais valorizado sabe,falando em termos políticos né,é,eu diria,temos que

crescer né, na consciência e na importância fundamental da educação como sendo primordial né, aquilo que alguém recebe e que nunca lhe será tirado, absolutamente né, e mais do que isso né, é algo que é transmitido né, enfim, e que a civilização nossa vai depender daquela transmissão né, daquela transmissão no sentido de passagem né, no sentido de uma tradição né, então veja bem a nossa cultura né, ela perfaz, e ela incorpora digamos assim o ensino né, como sendo algo de extrema importância, e aquele que é o detentor disso né, quer dizer o responsável por isso deveria a meu ver ser mais valorizado, vamos caminhar pra lá né, quem sabe né, vamos chegar mais pra perto dessa estrutura política tal como é exercida na Alemanha tem essa experiência.

[01:10:16] CAROLINA: Uhum, uma última pergunta, como você vislumbra a UFJF daqui a cinquenta anos?

[01:10:21] CAMPOLINA: Ah eu não sei, assim né, eu tenho, eu quero que aconteça né, eu quero que ela fique, eu tenho esperança não é ok, eu não tenho o vislumbre mais a esperança agostinianamente quer dizer, que quê é a vida da vida depois, a esperança da vida depois né, então essa esperança de que ela continue crescendo né, eu a, eu tenho, eu tenho de uma maneira muito forte mesmo porque eu senti isso NE, essa evolução, eu senti essa né, e claro que daqui a cinquenta anos como eu falei né, nos trabalhamos, nossa agenda é muito pequena né, nas, não temos uma agenda as vezes de três dias né, é e enfim, não é, eu gostaria que a universidade, que houvesse aqui uma, uma preocupação institucional maior entende, mas esse é o problema do Brasil, esse é o problema do Brasil né, de agendas e de, de uma força maior né, né, do ponto de vista da própria instituição eu, eu gostaria né, por que eu venho de uma tradição onde essa força, ela é muito grande né muito grande né, ela é muito grande, muito grande mesmo, esse mundo é, é, é muito diferente né, instituições fortes, instituições com personalidade, instituições com identidade não é, e por onde tudo que acontece ali dentro, tudo que ocorre ali dentro, tudo que existe ali dentro né, existe mesmo né, existe mesmo né, num existe assim com essa marca da fugacidade, da fugacidade né, essa manca, marca no, do efêmero né, daquele hoje pode existir mais amanhã não existe mais, e depois da manhã não sei o que ocorre num é, eu vejo aqui essa, essa dificuldade, aqui no Brasil né, professores por exemplo que tem um trabalho magnífico, que se aposentam e o trabalho também vira fumaça né, tido aquilo que foi produzido, tudo aquilo que foi, vira outra coisa, vira fumaça, quer dizer eu acho que essa é a nossa, é a nossa talvez identidade né, que não tem né, e não tem, não tem raiz né, roots né, as raízes né, então, eu acho que, nos temos que, não sei né, aprender talvez né, com aqueles que são mais antigos né, são mais velhos né, e são detentores de uma tradição, como é que nos podemos fazer para que né, possamos adquirir essa, essa, essa identidade né, no mínimo, é o mínimo, para que tudo que nos construímos possa realmente permanecer, ficar não é, e enfim né, ser realmente uma passagem, uma duma dialética né, da tradição. E isso que eu tenho a dizer te agradeço.

[01:13:17] CAROLINA: Então tá, agradeço a atenção.

